



Por Laurindo Correia

"O que os naturistas têm de diferente não se vê na exposição física, mas na sua mente de homens e mulheres Livres e Iguais, tolerantes e respeitadores do próximo, preocupados com a harmonia do seu corpo e mente e com a sua relação com o meio ambiente, em particular com a Natureza."

Caros amigos e companheiros naturistas

Vem esta (re)afirmação a propósito de um "novo conceito". Numa altura em que assistimos com natural simpatia às transformações evolutivas da sociedade espanhola face à nudez, cuja Constituição e Código Penal há muito impediam a incriminação dos cidadãos que, tal como os naturistas, apreciam a nudez, nomeadamente na sua vida pública.

Por isso, sentimos com euforia positiva, a recente tomada de posição pública por parte do alcaide de Barcelona, Joan Clos que, na sequência da solicitação da ADDAN (defensora do direito à nudez) e da ALETEIA (que questiona o direito à liberdade de indumentária), aclarou aquilo que a lei já contemplava e a que recentes folhetos subvencionados por ordem da conselheira dos Direitos Humanos, Pilar Vallugera, profusamente distribuídos naquela cidade, capital da Catalunha, vieram dar novo e importante relevo.

Para nós, os naturistas, a liberdade da nudez e, implicitamente, a sua dignidade, sempre se assumiu como uma reivindicação na nossa forma de estar, no nosso estilo de vida que exercita a prática nudista.

Mas não se esgota aí, nem se constitui como único objectivo do universo naturista, pese embora poder ser o máximo denominador comum no nosso movimento e a parte mais visível da nossa prática, por via, também, do maior "interesse" que desperta nos meios de comunicação social, sempre mais propensos àquilo que possa causar maior impacto ou sensacionalismo.

Aquelas organizações catalãs, (ADDAN e ALETEIA) buscaram e alcançaram um êxito assinalável nas suas reivindicações e todos os amantes da nudez estarão, naturalmente, gratos por elas; naturistas, nudistas e os *nuditistas*. (Esta nova designação criada por aquelas duas organizações para tentarem distinguir-se de nós e dos chamados nudistas, por consideram que "*naturismo e nudismo são conceitos confusos, colectivos e parciais*"(*), mais não parece ser que uma necessidade de auto-afirmação).

Se a sua luta favoreceu o direito efectivo à nudez, assegurando ao cidadão de Barcelona a Liberdade de se assumir por inteiro tal como a Natureza o dotou, em qualquer lugar, a criação do termo *nuditista*, só veio acentuar a confusão já existente entre os termos nudista e naturista. Afirmar que o Naturismo é um *conceito colectivo*, é elogiar e

reconhecer o objectivo socialmente alargado, que envolve uma filosofia de vida, portadora não só da Liberdade (individual) da nudez, mas, mais do que isso, a sua dignificação posta ao serviço do Bem Estar e da saúde psíquica e física do Homem na sua relação consigo próprio (interior) e com os outros (colectiva), tendo em vista um elevado nível psico-social de respeito mútuo e de igual com a Natureza e o meio ambiente que o rodeia.

Apelidar o Naturismo de um *conceito parcial*, é tentar reduzir a nossa afirmação, quiçá a uma mera postura física (nudista), limitada no tempo e no espaço. Nada mais errado. O Naturismo afirmou-se ao longo de mais de um século da sua existência como ideal e, de pouco menos, como movimento mais ou menos organizado, com uma forma viva, constante mas simultaneamente evolutiva e não como fruto de mera reivindicação pontual, naturalmente importante, do direito à nudez, individualmente considerada, em qualquer lugar ou circunstância. No Naturismo erguem-se variados valores de índole humanista que mantêm hoje plena actualidade e que servirão sempre de guião no futuro de qualquer cidadão ou comunidade para quem as palavras de Liberdade, Dignidade, Igualdade, Bem Estar, Solidariedade, Paz, Respeito Mútuo e pela Natureza não constituam apenas meros chavões. Afirmando-se como "não naturistas, nem nudistas" e apelidando como *confusa*, uma postura transparente como a do Naturismo, tal afirmação representa, antes de mais, um desconhecimento das raízes históricas do movimento naturista. De facto, o naturista não reivindica apenas e tão só o direito a andar despido, seja em que lugar ou circunstância for. Reivindica a dignidade a que qualquer cidadão despido tem direito, tal como respeita aquele que se cobre, de forma mais humilde ou ricamente ornamentada. Mas entende mais - a nudez natural contribui decisivamente para a saúde mental dos cidadãos e constitui-se como factor inibidor da ansiedade ou obsessão na evolução educacional de crianças e jovens. Reivindica, também: o direito à igualdade entre sexos, entre diferentes orientações sexuais, diferentes povos, ideologias, religiões, ou outras diferenças que se constituam como direitos individuais elementares, sempre que respeitadores da humanidade. Reivindica o direito ao Bem Estar físico e psíquico, e o direito ao concurso em igualdade de oportunidades perante a lei, do uso de todas as formas naturais possíveis e alternativas que contribuam para a saúde do Homem. Reivindica a Paz e o primado da diplomacia e do Direito na resolução dos conflitos mundiais, reclamando uma Nova Ordem Mundial baseada nos valores da Solidariedade e do Respeito Mútuo. Reivindica ainda os valores da Ecologia e da preservação da Natureza no quadro do equilíbrio Homem/Natureza, defendendo um desenvolvimento sustentado e global que contribua para repor o equilíbrio no sistema vivo e interdependente que constitui o planeta e mesmo o Universo.

Ser naturista é afirmar que não basta despir o corpo para se ser livre. É afirmar que a primeira zona do corpo a despir é a nossa própria mente. Despi-la de preconceitos, nomeadamente de conceitos moralistas e hipócritas ou resultantes de parciais ou incompletas análises, tão poluentes na nossa sociedade, representa muito mais que a simples prática nudista ou mesmo "*nuditista*".

(*). In "El Periódico de Catalunya"